Editorial

Escrever história é tratar da complexidade humana no tempo e no espaço. Como já afirmava Marc Bloch, no início do século passado, é “uma grande ilusão imaginar que a cada problema histórico corresponde um tipo único de documentos, específico para tal emprego”. O historiador, não deveria, portanto, “esperar a luz a não ser dos raios convergentes de testemunhos muito diversos em sua natureza” (BLOCH, 2001, p. 80). Ele entendia que os fatos humanos eram extremamente complexos, sendo que “[...] poucas ciências [...] são obrigadas a usar, simultaneamente, tantas ferramentas distintas [...]” (2001, p. 80).

Precursor de seu tempo, as transformações na produção historiográfica anunciadas por Bloch são testemunho do longo percurso trilhado pelos historiadores no processo de mudança do fazer historiográfico. Foi somente nas últimas décadas que a historiografia sofreu mudanças mais significativas no que diz respeito a valorização das diferentes linguagens, que por sua vez se expressam em diversos suportes/fontes da pesquisa histórica. Esse movimento tem possibilitado o desenvolvimento de abordagens teórico metodológicas inovadoras que ampliam o entendimento sobre as dinâmicas socio-históricas, rompendo definitivamente com uma visão homogênea e absoluta dos fenômenos históricos.

Nessa trajetória, a emergência e consolidação da História Cultural, ou Nova História Cultural, que atualmente concentra a maioria das produções historiográficas, contribuiu para a ampliação das possibilidades metodológicas na medida em que expandiu o campo da história num diálogo profícuo com outras áreas do conhecimento como a antropologia, sociologia, a filosofia, a linguística, o campo das artes, entre outros. Novos conceitos, como o de representação e imaginário social bem como a atenção aos aspectos simbólicos das relações sociais, abriram caminho para a exploração de diversificadas linguagens nos processos de construção do conhecimento histórico, o que tem permitido acessar diferentes discursos e representações sociais que, por sua vez, revelam sujeitos com distintas práticas e visões de mundo.

Essas considerações fundamentam a proposta do presente Dossiê: *História e linguagens: usos historiográficos*, da Revista *História: Debates e Tendências*, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo, Núcleo de Estudos de Memória e Cultura, que reúne textos de pesquisadores de diferentes instituições do ensino superior, nacionais e internacionais. Os textos aqui apresentados são frutos de estudos que exploram a leitura

<http://dx.doi.org/10.5335/hdtv.16n.2>.

dessas diferentes linguagens e/ou formas de fazer e pensar a história. Fotografia, cinema, imprensa, expografia museográfica, caricatura, pintura e textos literários são consideradas como possibilidades de leitura e interpretação do mundo social em uma perspectiva histórica.

Os três primeiros artigos do Dossiê exploram a fotografia e suas possibilidades de leitura como acesso ao mundo social. *Ana Maria Mauad* aborda a trajetória da fotojornalista Cláudia Ferreira, vinculando o seu fazer fotográfico ao seu engajamento social e político, em especial, sua participação como fotógrafa e como militante junto ao movimento social de mulheres dos anos 1980-1990. Nesse sentido, Cláudia Ferreira é vista pela autora como uma “historiadora visual, uma testemunha de seu tempo”. *Alberto Gawryszewski* analisa as representações da morte infantil nos túmulos de diferentes cemitérios brasileiros em narrativas, epitáfios, estatuárias e fotografias na tessitura da memória do infante e suas relações com o mundo. Os cemitérios assim, são entendidos pelo autor como um espaço onde é possível observar/estudar as sociedades que o produziram: crenças, valores, hierarquias, etc. O cemitério é entendido, também, como um espaço de circulação e consumo da fotografia. Já o artigo de *Erika Zerwes* trata da historiografia sobre a fotografia humanista no pós-guerra na França, buscando identificar sua relação com a produção latino-americana, num contexto de internacionalização das temáticas universais humanistas.

Outros dois artigos exploram a linguagem cinematográfica como fonte de pesquisa. *Wolfgang Fuhrmann* aborda a história da exibição de filmes pelas Associações de Professores Alemães em São Paulo (*Deutscher Lehrerverein*), pelo Serviço Teuto-Brasileiro de Filmes Culturais (*Deutschbrasilianischer Kulturfilmdienst*) em São Leopoldo, e pelo seu sucessor o Serviço de Filmes da Associação Nacional de Professores Teuto-Brasileiros (*Filmdienst des Landesverbandes Deutsch-Brasilianischer Lehrer*) no período de 1931-1938. A análise do material é feita a partir de uma perspectiva transnacional, acentuando o caráter comunicacional internacional dos filmes. O autor busca demonstrar que a recepção das exposições não deve ser entendida apenas como propaganda fascista alemã, mas também como parte da cultura cinematográfica nacional. Já *Fábio Godoy Del Picchia Zanoni* explica em seu artigo a emergência do cinema de entretenimento, associado à escolarização do cinema, ocorrida nas escolas brasileiras e portuguesas a partir de meados dos anos 1930, inseridas nas propostas do movimento Escola Nova. O autor apresenta os argumentos prós e contra a utilização educativa do cinema pelos educadores escola-novistas bem como a defesa de seu uso amplo e irrestrito pelo Estado Varguista.

Explorando a maior diversidade de linguagens, *Ana Heloisa Molina* propõe uma leitura da cidade com base em relatos orais, escritos literários, poéticos, científicos e visuais que, segundo a autora “potencializam outro mapa (de sentidos e sensibilidades) da(s) cidade(s)”, possibilitando outras reflexões sobre o conceito de cidade, sobretudo de suas transformações. O recorte espacial são as cidades de Porto Alegre (RS), Paris (França), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA), Feira de Santana (BA), Recife (PE), Welwyn Garden City (Inglaterra) e Itabira (MG) no final do século XIX até meados do século XX.

O artigo de *Gilberto Maringoni* traz a caricatura como outra possibilidade de linguagem. Ele parte da análise de um detalhe do quadro de Rugentás, reproduzido na obra: *Viagem pitoresca através do Brasil*, que identifica como a primeira caricatura do Brasil, para discutir a relação das mudanças na materialidade das obras com outras características, como estética, autoria, informação e conteúdo.

Refletir teoricamente sobre o uso da imprensa como chave de leitura para a história das cidades é o tema do artigo de *Luis Carlos Martins*, cujo enfoque são as transformações urbanas do Rio de Janeiro e São Paulo no pós-guerra. Os conceitos de *representação social*, de Roger Chartier e de *lutas simbólicas*, de Pierre Bourdieu, são acionados enquanto instrumental teórico adequado para o entendimento da relação imprensa e cidade.

As possibilidades de leituras dos museus são discutidas por *Marlise Meyrer*, *Rosane Neumann* e *Daniel Gevehr*, que exploram a construção e difusão de *narrativas visuais nos museus* de imigração alemã no Rio Grande do Sul que se expressam por meio da expografia e das suas diferentes ambiências. O recorte espacial são os museus de história da imigração alemã localizados em regiões coloniais do Vale do Sinos e Noroeste Colonial entendidos como parte da produção visual sobre a imigração alemã no Rio Grande do Sul.

Concluindo o Dossiê, o artigo de *Rafael Ioris* analisa as obras literárias de cinco intelectuais brasileiros entre 1889-1930, quando se inaugurava um novo regime político no Brasil. O pensamento de Eduardo Prado, Silvio Romero, Manoel de Oliveira Lima, Manoel Bomfim e Alberto Torres é analisados na medida em que refletem as questões sobre a forma que o Brasil deveria se relacionar com as novas nações da América espanhola e como essas ideias permearam a construção da moderna identidade nacional brasileira, ora em oposição, ora em conjunto com seus vizinhos.

Essa edição conta com três artigos livres: “O desenvolvimento agrícola e o processo migratório no Brasil”, de autoria de *Claudia Maria Prudêncio De Mera*, discute a diminuição da população rural e o esgotamento do modelo agroexportador brasileiro no processo de consolidação da sociedade urbano-industrial. *José Antonio Moraes do Nascimento* também aborda a questão agrária no artigo “Legislação agrária em Rio Pardo oitocentista”, que analisa a política de terras do governo imperial com base em pesquisa no Registro Paroquial de Terras de Rio Pardo, identificando o jogo de interesses dos envolvidos na questão da posse da terra. Por fim, *Mônica Karawejczyk* apresenta o artigo “A ‘prenda’ e o voto: as primeiras participações femininas nas eleições do Rio Grande do Sul (1933-1935)”, que estuda, fundamentada em matéria da imprensa do período, a participação das gaúchas nas três primeiras eleições da República Nova na década de 1930.

Na seção *Resenha*, Carolina Martins Etcheverry concentra-se na obra de Natalia Brizuela – *Depois da fotografia: uma literatura fora de si* – cuja proposta é pensar as fronteiras entre a literatura e outras artes, mais especificamente com a fotografia. Luís Francisco Fianco Dias comenta o *Tratado de ateologia*, do filósofo francês Michel Onfray, que discute o surgimento e estabelecimento das religiões monoteístas e as consequências desse procedimento evangeli-

zador. Glen Godmann apresenta a resenha do livro *A reprodução do racismo*, de Karl Mosma, que faz uma análise inovadora das relações raciais entre fazendeiros, negros e imigrantes no interior de São Paulo pós-abolição.

Retornando a Marc Bloch, esperamos que os textos aqui apresentados cumpram seus desígnios: “Resguardemo-nos de retirar de nossa ciência sua parte de poesia. [...]. Seria uma espantosa tolice acreditar que, por exercer sobre a sensibilidade um apelo tão poderoso, ela devesse ser menos capaz de satisfazer também nossa inteligência.” (2001, p. 44).

Profa. Dra. Marlise Regina Meyrer
Programa de Pós-Graduação em História
Universidade de Passo Fundo

Prof. Dr. Glen Godmann
University of Illinois at Urbana-Champaign (EUA)
(Organizadores)

Referência

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.